

CAETANO DA S. LUZ

OS MONTADOS EM PORTUGAL

I. S. A.

Reservado  
BIBLIOTECA — I. S. A.

*Sala de lectura*

Reg.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> *2849*

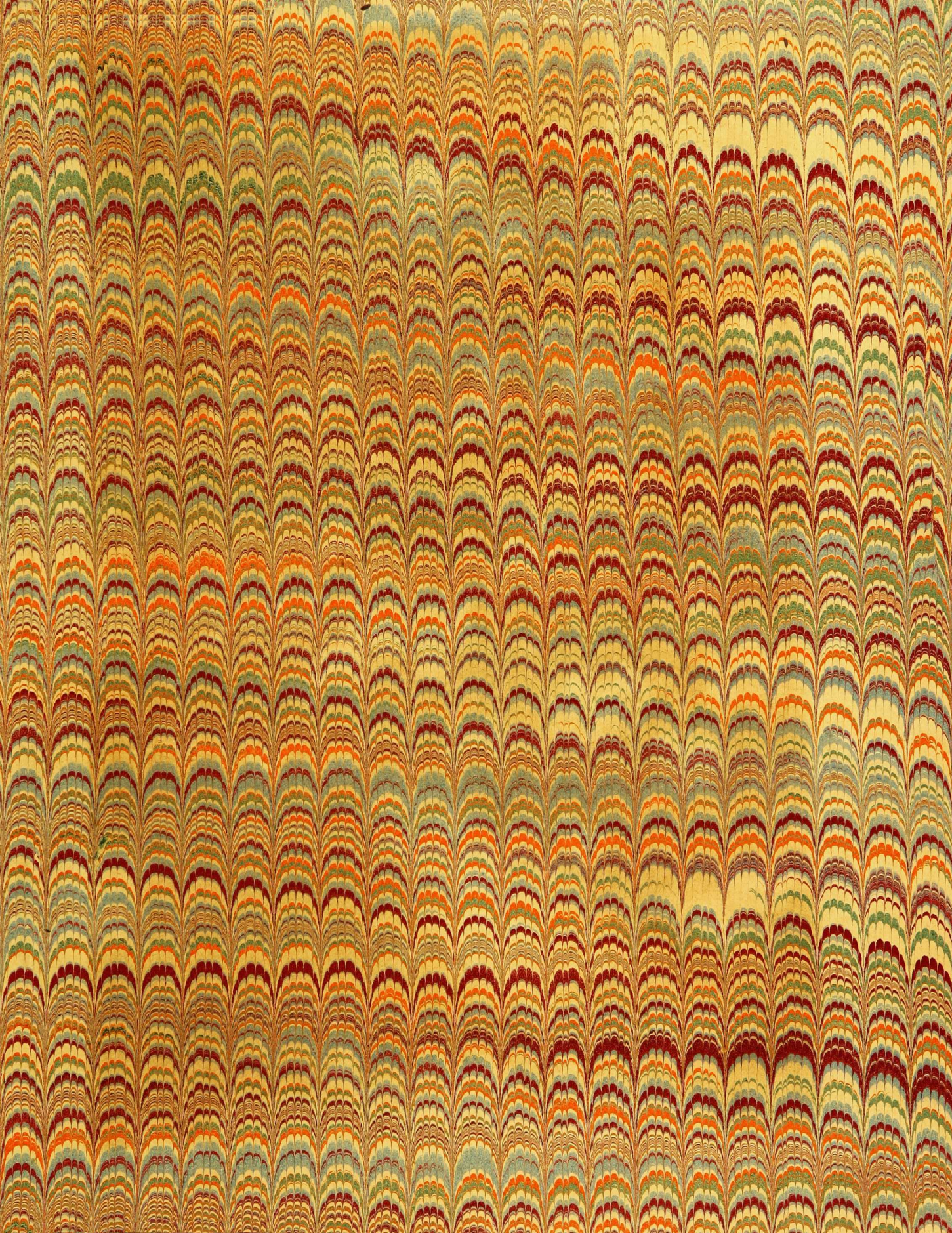
Est.<sup>te</sup> *I. Res.* Div.<sup>ao</sup> *2.<sup>a</sup> ancl. 1919*  
*Desent. Inaug. N.<sup>o</sup> 19*

INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA



BIBLIOTECA

*2849*  
*1919*









Bastarsden 1866

Edinburgh

— Introduccao —

Escolher um assumpto para uma dissertação. Eis o ponto difficil, eis a preocupação constante, eis a nota dominante que de continuo se na lembrança de quem, frequentando um curso, pretende passar regularmente no acto grande final. Esta a regra geral e o caso mais vulgar e como tal tudo isto se deu em mim. Pensei desde muito tempo no assumpto da minha dissertação.

Lembrei-me de tratar de materias já repizadas na sciencia agricola, começava já a encaminhar-me n' esse sentido, começava a folhear livros differentes, a consultar diversos authores, via Gasparius, Liebig, Boussingault, via a casa rustica, a Encyclopediã d' agricultura, e cheguei

por vezes a imaginar que era indê-  
pendavel tratar d'alguma das im-  
portantes questões que aquelles il-  
lustres nomes estudaram e trata-  
ram com larga proficiencias.

Pensei mais e reflecto que ~~uma~~ dis-  
sertação cujo fim é mostrar a capa-  
cidade ou aptidão de quem a escreve,  
que n'este caso é um estudante que  
acaba um curso, pode fazer-se de  
dois unicos modos, para ser regular,  
ou escolher um assumpto já conhecido  
e apresentar tudo, mas tudo, quanto  
a esse respeito se tem escripto e tra-  
tado de differentes authores, para que  
se veja que o estudante tem conheci-  
mento do que ha sobre a materia  
que escolhe; ou então escolher um  
assumpo original e applicar o que  
se houver aprendido ao estudo d'esse  
assumpo.

Por dois motivos escolhi o segundo,  
em primeiro lugar porque achei um  
assumpo original, o que não é sempre  
facil, em segundo lugar porque as  
dissertações feitas sobre assumptos já  
conhecidos apresentam-se com um ~~certo~~

caracter de nota bibliographica, se-  
bem que muito util, ~~apresentava~~  
~~me~~ contudo <sup>de</sup> uma certa repugnân-  
cia para mim

Escolhi pois um assumpto pouco ou  
nada conhecido. - Os montados em Por-  
tugal. - Não tratarei n'estas linhas  
d'introduccão de encarecer ~~o assum-~~  
~~pto~~ ~~quise~~ por todos considerado como  
de grande importancia entre nós.  
Comecei a emprehender a obra des-  
cubriendo pouco e pouco as difficul-  
dades que se me oppunham, trata-  
va de as derribar e ellas levavam-  
se umas após outras cada vez mais  
fremendas.

Tem sido tão grandes os obstaculos,  
que tendo eu tido esta idea em que  
comecei a trabalhar logo, ha mais  
de dois annos e meio, chego ao dia de  
hoje carregado d'apontamentos vagos  
e desperios, d'onde não posso tirar um  
capitulo completo ou dois paragraphos  
liquidos.

Ho fins de muitos desenganos uma  
coiza só fiquei sabendo bem, e vem  
a ser que a commua consideravel de tra-

lhos e estudos agricolas que ha pa-  
ra fazer no nosso paiz, que são con-  
sideraveis, dependem todos exclusiva-  
mente dos agronomos ~~e os fizeraes~~  
~~ou fideles~~.

Tem Portugal como muitas outras  
nações civilizadas engenheiros, chi-  
micos, geologos, botanicos, e zoologos  
mas o que tem outras nações  
e que nós não possuímos são estudos  
de geologias, d'engenharias, de chimi-  
ca, e de botanicas e zoologias applica-  
dos ao ~~seu~~ paiz. Como de todos estes  
conhecimentos depende a bondade de  
qualquer trabalho agricolas, segue se  
naturalmente, que o agronomo para  
ser util como qualquer obra impor-  
tante precisa ser engenheiro, botanico,  
geologo, e chimico mas especialis-  
ta e tecnico em qualquer d'estes ra-  
mos. - Ora quem ainda não é e quer  
agronomo ver-se obrigado a fazer es-  
tudos que pertencem a aquellas classes,  
é coisa serião impossivel pelo menos  
difficil. - Carecias de muito tempo  
e muito trabalho que não pode atre-

hoje dispor.

Tinha em vista fazer um trabalho completo; mas a deficiência de dados, e a necessidade de apresentar com brevidade a dissertação obrigaram-me a fazer as poucas linhas que são seguir.

Um programma do plano da obra que empreendi, seguido de pequenas notas resumidas d'alguns dos primeiros capitulos, é tudo que por ora posso apresentar, e é isto que constituirá a dissertação que apresento ao illustre jury que me vai julgar.

---



# — Programma —

## Os Montados em Portugal.

### — Parte 1<sup>a</sup> —

Silpe de vista sobre os montados.

### — Capitulo 1<sup>o</sup> —

Quercus sua historia. Especies e variedades. Descripção em geral das mattas de quercus.

### — Capitulo 2<sup>o</sup> —

Montado, sua definição

### — Capitulo 3<sup>o</sup> —

Qualidades do montado. Mattas de Quercus nas regiões do montado e nas differentes idades.

### — Capitulo 4<sup>o</sup> —

Região do montado, extensão, distribuição das diversas especies de quercus pela região do montado. Extensão das charnecas.

— Parte 2<sup>ª</sup> —

Arborização e multiplicação dos Quercus.

— Capitulo 1.º —

Importância da arborização em geral, necessidade de descrever todos os processos da multiplicação dos Quercus.

— Capitulo 2.º —

Noções de silvicultura. Criação, ordenamento e exploração das matas em geral.

— Capitulo 3.º —

Sementiras dos Quercus, no campo e em viveiros. Transplantação dos ditos do campo e dos viveiros.

— Parte 3<sup>ª</sup> —

Sobreiro

— Capitulo 1.º —

História do sobreiro, variedades e descrição.

— Capitulo 2º —

Clima. Exposição e situação e terreno.

— Capitulo 3º —

Produtos. — Lã, cortiça, Favela,  
carvão, madeiras, folhas.

— Capitulo 4º —

Culturas. — Lavouras, des-  
bastes, tratamento.

— Capitulo 5º —

Exploração.

— Parte 4ª —

Arinheiras.

— Capitulo 1º —

Descoberta. Historicidade e variedades.

— Capitulo 2º —

Clima, exposição, situação e terreno.

— Capitulo 3º —

Productos. — Bolotas, farinha, carvão,  
madeiras, folhas.

— Capitulo 4º —

Culturas. — Limpezas, desbastes, lavoura,  
tratamento.

— Capitulo 5º —

Exploração.

— Parte 5ª —

Carvalho

— Capitulo 1º —

Descrição, historia e raridade do  
carvalho.

— Capitulo 2º —

Clima, exposição, situação e terrenos.

— Capitulo 3º —

Productos. — Bolotas, Farinha, carvão,  
madeiras e folhas.

— Capitulo 4º —

Creação do Bombyx yama-mai com a folha de carvalho.

— Capitulo 5º —

Culturas. — Sempesas lavouras, desbastes, tratamento.

— Capitulo 6º —

Exploração —

— Parte 6ª —

Productos das diferentes arvores.

— Capitulo 1º —

Productos commerciaes. — Madeira, entricasco, carvão, cortica, e os respectivos processos de fabrico e aproveitamento.

— Capitulo 2º —

Productos agricolas. — Bolotas, e folha, analyse da bolota das diferentes arvores e comparação das suas qualidades

alimentares. Poder nutritivo da folha e cacos em que se deve empregar.

— Capitulo 3.º —

Criação do gado suino nos montados. Modo porque se faz, e modo porque seria mais conveniente fazel a.

— Parte 4.ª —

— Capitulo 1.º —

Comparações do rendimento liquido de um hectare de terreno povoado de montado de sobre, de carvalho, ou d'ajizinho. — Comparações da culturas dos montados com as outras culturas em equaldade de circumstancias climaticas e de terreno.

— Capitulo 2.º —

Cauzas que fizeram estabelecer os montados no Alentejo e nas regiões que habitamos.

— Capitulo 3º —

Defeitos da cultura dos montados em geral no nosso paiz e causas que se lhe oppoem.

— Capitulo 4º —

Modo de passar para um melhor estado de cultura. Conclusão

---

Cis aqui tenho apresentado o programma que ambicionavas desenvolver. - Se a sua leitura <sup>te</sup> vi se claramente a desharmonia entre a grandezza do programma e as forças de que disponho. Meu coino a pedras se gasta pelo attrito insensivel mas continuo da agua, afins eu espero que com tempo poderei vir a preencher as materias da obra que ~~for~~ <sup>é</sup> para mim ainda tão forte. Como disse, tenho numerosos apontamentos sobre todos os capitulos, al-

alguns meemos interessantes; mas es-  
tar tão dispersos que seria impossí-  
vel apresental'os, pela falta ou  
difficuldade de se poder convenienter-  
mente alinhavarl.

---

# Golpe de vista sobre a região dos montados.

## — Capitulo 1º —

Quercus, sua historia. Especies que formam os montados. Descrições das Mattas de Quercus.

§-1º Quercus, sua historia. Os montados são formados por arvores de diversas especies que pertencem todas ao genero Quercus; antes porém de falarmos especificadamente nos montados, digamos o que se nos oferece relativamente ás arvores que os constituem.

Quercus é um genero botânico cujas numerosas especies e variedades compoem o grupo de arvores mais importantes da economia florestal, pelo seu prestimo, pelo seu porte, e pela prodigalidade com que vegetam na parte do mundo que habitamos.

Erane as arvores mais respeitadas pelos antigos. O carvalho foi consagrado ao Deus dos Beuzes, a Júpiter (α) e foi o seu fructo (α) - Foi o carvalho consagrado a Júpiter por ter sido em cima de um homem a fazer um dos seus fructos.

a primeiras alimentação dos homent,  
ets nymphas Euerquetubanas e Dryades  
preuidiamus noute e dias a conservação  
d' este arvoredo. Foi do bosque Dodona  
cujos carvalhos proferiam oraculos, que  
o trogo tirou madeiras para fazer o pro-  
meiro navio que se conheceu, a nau  
atros, onde Janson, com os principes  
Gregos, foi conquistar o Sello d' ouro.

Diz Plinio que é o bosque Hercynia, cujos  
"carvalhos enormes foram respeitadoss pe-  
"do tempo e contemporaneos da origem  
"do mundo, e, por esta condição quasi  
"immortal, a mais surpreendente ma-  
"ninha de mundo." O mesmo Plinio para  
mostrar a grandeza e magestade d' estas  
arvores, conta que "nae em bocaduras  
"do Rheno ha espaços immensos in-  
"undados duas vezes no dia pelas wa-  
"gas desorladas do oceano que invade  
"este theatro da eterna questão posta  
"pela natureza para saber se o Paiz  
"pertence a terra ou ao mar, ahi ha  
"grandes mattas de carvalhos que, mi-  
"nadas pelas vagas e impellidas pelos  
"ventos, abraçam com suas raizes e assito,  
"que abraçam com suas raizes e assito,

"empê, equilibradas, com seus ramos  
"immensos por maltracações, afustando  
"por vezes as esquadras Romanas, que  
"quando as encontravão de noute arre-  
"mpadas pelas ondas contra as proas,  
"os marinheiros não sabendo a que re-  
"medio recorrer, travam um combate  
"naval contra arvores."

Era de cavallo que se faziam as corôas  
civicas dos Romanos, a mais illustre  
decoração militar.

Tão grande era a consideração e re-  
peito e a convicção da benigna uti-  
lidade de estas arvores, que se mesmos

Romanos accostumados a guerras civis  
sanguinolentas e fratricidas compre-  
henderam um dia que a assassinato en-  
tre concidadãos era uma acção revol-  
tante, e para a evitar conferiam  
um premio a quem, tendo occasião  
de matar durante suas guerras um  
concidadão, o não fizesse. O premio  
que se colheram para remunerar tão  
nobre acção foi a corôa civica.

A superstição dos antigos adorava os  
cavallos pelo alimento que prestavam,  
a sciencia dos modernos tem de tributar

suas adorações pelo menos homenagens  
à sua prodigalidade e riqueza.

O genero Quercus que pode produzir dois  
viver, e produzir bens em quasi toda  
a Europa, reúne a esta condição de  
fasturas, a qualidade e numero de  
seus productos. As suas madeiras ou  
sejas para construcções, para o fogo ou  
para marcenarias, rivalizam com as  
mais nomeadas. O tanino, tão procu-  
rado pelo commercio para o curtimento  
dos couros, é quasi todo fornecido pela  
casca dos carvalhos. A cortica final-  
mente suas numerozissimas applicações  
teremos occasião de estudar, e que  
constitue um importante ramo de re-  
quiza do nosso paiz, é ainda provida  
pelo Quercus e só por elles.

Não é menor para admirar a produc-  
ção de fructo. Se para o homem não  
é hoje alimentação vulgar e quotidi-  
ana, como fructo, é o ainda como tou-  
cinho e como presunto. Hoje come-se a  
boleta mediatamente outrora comia-se  
imediatamente.

Ha muito poucos vegetaes de maior  
duração que os carvalhos. Quando

Plinio refere que os carvalhos do bosque  
Hercynio foram contemporaneos da ori-  
gem do mundo, e agerou sem duvida  
uma longividade; mas o que não é  
senão muito vulgar, mesmo no nosso  
Paiz, é encontrarem-se arvores d'esta es-  
pecie de 200, 300 e mais annos.

§ 2.<sup>o</sup> - Especies 8.<sup>as</sup>. - São darcenos aqui conta-  
das especies de *Quercus* e muito menos  
das variedades que são numerosissimas.  
Como muitas das que possuímos, ainda  
não estão estudadas nem classificadas,  
reservamos para mais tarde a occasião  
de estudarmos convenientemente estas  
variedades, limitando-nos apenas a  
citar como especies de *Quercus* o - Car-  
valho roble (*Quercus robur*.) - o alvarinho - (*Quer-  
cus pedunculata*.) - o Cequeiro - (*Quercus cerris*.) - o  
sobreiro (*Quercus suber*.) - e a agulheira (*Quer-  
cus ilex*.) - e como variedades o (*Quercus oc-  
cidentalis*) que é uma variedade do *Quercus*  
*suber*, mas que se distingue pela sua fru-  
tificação ser bisannal, e o (*Quercus bal-  
lota*) ou agulheira doce. São estas em  
geral as especies de *Quercus* que formam  
o montado em Portugal, e que se

distinguem-se já pela folha já pelo ta-  
marinho, forma e qualidade do fructo.

— Capitulo 2º —

Montado, definição. - Igualdade dos montados, matas de Quercus na região dos montados e nas diferentes localidades. —

1º Montado, definição. - Chama-se montado a matta de carvalhos-Quercus - onde se cria o gado e uns porcos; é esta a definição que se encontra nos mais acreditados dicionários que possuímos, como são Littré e Morais 1809. - Porque não se chamariam as pinas e as matas? Não sabemos com certeza, não nos foi possível descobrir; só Morais o faz derivar da palavra monte. Esta derivação sem mais esclarecimentos não satisfaz; contudo abre-nos um estreito caminho para raciocinarmos razoavelmente.

O dicionário de Farias dizendo que monte significa no Alentejo, casal por ter quasi sempre sobeiros, aqui as heiras 1809 parece dar a entender que os sobeiros e aqui heiras davam o nome de monte ao casal talvez por estarem

nas elevações. Sendo assim podemos tomar como origem de montado a palavra monte ou significando elevação ou significando casal.

No primeiro caso vejamos como desce-  
rer.

O arvoredo que forma os montados, cresce espontaneamente no estêpe, o que leva naturalmente a conjecturar que os lugares por elle occupados eram sem duvida apropriados á sua natureza.

Um sortimento de sementes variadas espalhando-se em terrenos de naturezas differentes, apresentam resultados diversos; n'uns vêm plantas muito desenvolvidas produzidas por sementes que n'outros terrenos apenas germinarãam; n'uns sóto a gramineas vê-se tão robustas e luxuriosas, como rústicas e infezadas elle se vê n'outros em que a leguminosa se desenvolve com toda a força de seu vigor. - Nasce cada uma onde mais lhe convier. Isto quer dizer que os vegetaes escolhem as terras. O montado estabeleceu-se n'aquellas em que encontra a condi-

ções de bem estar.

Os lugares escolhidos foram sem duvidas os pontos elevados da provincia, os relevos salientes; porque se ahi estariam ao abrigo da excessiva humidade das baixas, dos nevoeiros dos vales, tão prejudiciaes como perigosos para o desenvolvimento conveniente d'aquelle arvoredo. — Em tempos mais affastados — como se me ainda hoje em minha infância — estes vales e terras baixas estariam cobertos de pastos abundantes e plantas aquaticas, ao passo que os cabecos e eminencias encalhavam vestidas e coroadas com nevações. Foi ornamento da familia Luercus.

Ora se o arvoredo cobria as colinas, as elevações, os montes; não seria d'estas ultimas palavra que montado é derivação?

até segundo caso do monte significar cardeal. — Quando a provincia commecou a ser arroteada, os exploradores que iam ahi estabelecer o seu domicilio, procuraram naturalmente os lugares mais elevados das propriedades, os montes; não se por serem

mais sandaveis e livres das cheias, como por conveniências mais, a servir de atalayas e ponto fiscal de grande parte do dominio. Procurou-se edificar o casal sobre um monte e ali chamou-se monte do casal. - O arvoredo ou porque cobria os montes elevações, ou porque circundava os montes casais ficou-se chamando montado, e explica-se afins a derivação que o nome lhe assigna.

Tentada a origem da palavra, resta dizer o que significa. -

Montado é toda a matta formada das tres arvores da familia Quercus, sobreiro, asinheira e carvalho, ou exclusivas ou conjuntamente; o terreno onde se encontram deve ser de bom matto a fins de dar entrada aos porcos que comereis o fructo que cahe em certas epochas. - He no taiz algumas mattas de Quercus, como no Bussaco e outros pontos - que não tendo o nome de montados, o seu fructo serve ainda para engordar porcos; mas então não os deixam comer na floresta da bolota que cahe,

antes pelo contrario a vendem ou a  
medidas ou a peso, como se pode ven-  
der a alfarrobas e a caetanbas, ou  
como se vende a cevada e o milho para  
consumo do gado no estabulo. - Uma  
matta de Luercus para ter o nome de  
montado deve o seu fructo ser apro-  
veitado pelos porcos na mesma mat-  
ta.

Nos logaras onde a pequena proprieda-  
de domina, onde cada proprietario  
quasi que cria o seu gado em casa,  
procurao se todos os meios possiveis  
de alimentacao, pagando se bem todos  
as comidas; n'este caso costumam abo-  
gancar a bolota para a vender a  
quem melhor a pagar; mas em regioes  
onde domina a grande propriedade,  
e muito mais sendo acompanhada  
da pequena cultura, os campos são  
extensos e pouco aproveitados, os pro-  
prietarios são poucos, o gado está pouco  
comel'a na floresta com vantagem;  
estas condicções encontram-se no  
Alentejo por isso é ali a grande  
força dos montados.

§ 2º - Qualidade dos montados: Matas de quercus  
nas regiões do montado, e nas diferentes idades.

Os montados quando são d'azinheiras chamam-se azinhalas, como se dizem sobras ou carvalhais quando são de sobro ou carvalho.

Encontram-se às vezes estas terras cobertas de sobeiros ou d'azinheiras de diversos tamanhos, muito juntos, macidos irregularmente, e enterrados em um matto bravo muito cerrado, que lhes serve d'abrigo ou de refugio e muitas vezes - no caso d'um fogo - de prejuizo e destruição. Os terrenos n'estas condições chamam-se chaparrais como se chamam chaparros aos sobeiros ou azinheiras que se formam.

Chaparro vem talvez de chaparra palavra castelhana que significa azinheira baixa e frondosa, ou de Portuguez achaparrado, que é a arvore que tem o pé curto e com muitas ramalhas.

Quando os carvalhos substituem os sobeiros ou azinheiras no caso que acabamos de indicar dá-se ao terreno o nome de matto de carvalhos.

Se as arvores são mais pequenas e com  
apparencia de verdadeiros arbustos  
dá-se-lhes o nome de carrascos d'aciuho (a)  
ou machocos conforme são ajinheiras ou  
sobreiros.

Finalmente nas primeiras épocas de  
crescimento, quando tem muitos lan-  
çamentos de que não se differenciam  
que possa ter o nome de tronco ou de  
principal, e que parece terem nascido  
ao mesmo tempo sem predominarem  
uns sobre outros mas todos aglomera-  
dos; estes vegetaes ou se são carvalhos,  
sobreiros ou ajinheiras costumam ser  
chamados moitas de carvalho de sobreiro  
ou d' ajinheiro.

Vejamos pois agora por ordens de cres-  
cimento os nomes que cada uma destas  
arvores recebe nas fases progressivas  
da sua vida. Estes nomes dependem  
antes da grandezas do que da idade.  
Sobreiro é primeiro moita, depois ma-  
choco, logo chafarro, mais tarde sobreiro  
e por ultimo dovereiros. As ajinheiras  
segue tambem os seus periodos com

---

(a) A folha da ajinheira é muito parecida com a  
do cardequeiro.

diversos nomes de moita, carrasco d'arinho,  
chafarro, e arinhoira. Só o carrasco não  
é tanta vez erismado, por quanto  
deu de que deixou de ser moita passa  
logo a ser carrasco e afins e conserva  
até que morre.

Porque motivo tantos nomes differen-  
tes se tem dado a aquellas arvores? se-  
ria pelos aspectos differentes que as  
arvores mostram? mas se todas  
tem de passar pelos mesmos periodos,  
porque motivo não terão todas de per-  
ceber as suas phases com titulos eguaes  
para cada uma? e irreflexas a in-  
differença e antes o instincto cria  
muitas vezes certas cousas que sem  
terem uma razão de ser importante  
ou interessante, revelam contido  
lembranças que a boa vontade e pre-  
dilecção pretendem a custo decifrar.

Ora se uma ordem social ha honras  
e titulos que significam - ou antes,  
que foram creados para significar -  
o merecimento e o prestimo dos mem-  
bros da sociedade; se esses titulos tem  
gratuações correspondentes aos graus  
de serviços dos individuos a quem

são concedidos; e quanto maior é o  
prestígio mais são os títulos: quem  
nos diz que não foi o instinto que criou  
para as árvores dos montados tantos  
nomes, que podemos muito bem traduzir  
os diferentes graus de utilidade que  
ellas nos prestam? O carvalho  
presta madeira e carvão e fructo,  
tem se o título muito vulgar de moita  
e o nome de famílias. É um dos  
membros da sociedade vegetal mais  
vulgar por isso que presta o mesmo  
que quasi todos os vegetaes. — et  
agurheira fazo mesmo: mas afurão  
o seu prestígio com fructos mais abun-  
dantes e incomparavelmente mais  
nutritivos; tem os títulos de moita,  
de carrasco d'arinho, de chaparro e d'arubheira.

O sobreiro que além do fructo carvão  
e madeira, tem mais a qualidade de  
alimentar da focha, e a cortiça, foi  
agraciado pelo instinto com os títulos  
mais numerosos de moita, machoco,  
chaparro, sobreiro e sovereira.

Diz-se-lhe que é extravagante a ana-  
logia mas foi o encarcimamento - alias  
sobejamento merecido, que pretendemos

fazer & este arvoredo, que me levou a  
comparar os titulos e honras da socie-  
dade, com aquelles nomes ou titulos  
que por serem meo ouvidos pode-  
rão parecer um pouco ridiculos.

## — Capitulo 4º —

Região dos montados; sua extensão; distribuição das diferentes espécies de montados, e extensão das Charnecas.

§ 1º — Região dos montados. — Era nosso intento ao tratar d'este capitulo de apresentar um mappa topographico de Portugal, onde com aquadaas de diversas cores convencionaes se podesse ter logo à primeira vista não só a região de nosso país occupada pelos montados, mas tambem quaes as diversas zonas onde predominava o carvalho, o sobre ou o pinho. Este trabalho que depende todo de conhecimentos locais já o tenho commecado, mas como he falta para mais de duas terças partes a preencher não posso aqui apresental-o.

Relativamente à extensão ou superficie occupada pelos montados que depende não só de conhecimentos locais mas de dados estatísticos d'uma certa aproximação, tambem não pode ir exacta porque ainda me faltam grandes

numero de dados. Apenas da provincia do Alentejo darei algumas noticias, fundando-me em dados officiaes que encontrei na Reparticao das Obras Publicas, e dos quaes hei de tirar algumas deducções que me sejam á apreciação da extensão dos montados no Alentejo.

A falta de dados estatísticos tão trivial como lamentavel é entre nós de sobejo conhecida para ser desculpada.

É tão raro encontrar-se uma Camara Municipal ou uma administração que saiba qual a arêa do seu concelho, como é certa a sua ignorancia quasi absoluta sobre a extensão d'ella ou d' aquellas culturas.

É ao admirar; Em quanto não houver agronomos districtaes, e mais agronomos repartidos pelo reino a quem se possa recorrer quando se emprehendemos trabalhos d' esta natureza.

Entrando pois em assumpto d' esta capitulo diremos que a grande região dos montados occupa todo o Alentejo, uma pequena parte do norte do Algarve,

quasi todo o sueste da Bretanha deves e parte da Serra daia. A area por em da maior forza dos montados e a zona consideravel de Portugal limitada ao norte pelo rio Tejo e ao sul pela serra de Monsanto. E n'esta facha que elles sao nao so mais abundantes, mas que constituem a mais importante das culturas.

§ 2º - Extensao dos montados - A superficie dos montados em Portugal e enorme. Etão podemos dizer a proximaadamente seguir, qual ella seja pelos motivos que expozemos. Limitando-nos por em so ao Alentejo, diremos o que nos foi possível deduzir.

Por uns mappas estatisticos do Sr Charles Bonnet que o Sr Conselho de Moraes Soares teve a bondade de nos facultar, se vê que a media de cabeças de gado suino produzidas na provincia de Alentejo nos annos de 184 a 18 e de 844.578.

Quasi todas são naturalmente engor-  
dadas nos montados, mas para fazer  
a conta mais redonda e para decon-

tar as cabeças engordadas nos montes  
ou fora dos montados, supponhamos de  
540,000 - o numero de porcos que se en-  
gordam annualmente na provincia  
de Alentejo.

Ora é facto opeute na pratica que uma  
superficie de terreno de um moio de se-  
meaduras, que corresponde proximamen-  
te a 5 hectares, comporta um numero  
d'arvores sufficiente para engordar  
terno medio 6 cabeças annualmente.

Este facto que a pratica confirma pôde  
ser se calculado tambem n'um ar-  
tigo de Sr. Joz.<sup>m</sup> Pedro Frago de Sequeira  
publicado no volume 2.<sup>o</sup> das Memoria-  
s Economicas da Academia Real  
das Sciencias § 371

Este calculo das seis cabeças por moio  
de semeaduras é uma media muito  
aproximada para qualquer das tres  
especies d'arvores: porque se o azinho eo  
carvalho são mais ou menos regulares  
na produccão, o sobreiro apesar de ter  
anos de não produzir coisa alguma,  
tem outros em que carrega por forma tal  
que cada arvore se por si excede a pro-  
duccão de quatro ou cinco arinheiras.

Hoas para maior exactidão do nosso  
calculo, suppozemos que cada moio  
de semeaduras tem arvores para engor-  
dar cinco e não seis cabeças, e isto por-  
que effectivamente nem todos os mou-  
tados estão tão abundantemente po-  
voados & arvoredo que seja possível ad-  
mitter aquelle numero, para um cal-  
culo muito geral onde se incluem  
mattas espessas e arvoredos mal povoa-  
dos.

Supuzemos pois se cada moio engorda  
cinco cabeças, e se cada moio tem  
cinco hectares, é claro que cada he-  
ctare engorda uma cabeça.

Ora se o Alentejo engorda annual-  
mente 440.000 porcos tem de montados  
uma superficie que não deve ser muito  
além 880.000 hectares, isto é quasi  $\frac{1}{2}$  da  
superficie total da provincia que é  
de 2.587.862 hectares repartidos da maneira  
que se vive ver, no seguinte mappa em que  
se acham por concelhos e districtos o nu-  
mero de cabeças exportadas, o numero de hectares  
de montado deduzido do calculo que fiz-  
mos e a superficie total dos concelhos.

Distrito	Conselhos.	Nº de cabeças reportadas	Superfície montados em hectares	Superfície dos conselhos em leguas de 20 aegras	Em hectares
	Affuntal	800	800	12	
	Athrodovar	3.000	3.000	44	
	Alvito	1.000	1.000	14,5	
	Barrancos	1.200	1.200	1,5	
	Bijas	2.060	2.060	27	
	Castroverde	10.000	10.000	18	
	Casal			14,5	
	Cubas	400	400	8	
	Ferreiras	2.000	2.000	15,5	
	Montolus	3.000	3.000	56	
	Secigama	1.000	1.000	26	
	Abouca	13.000	13.000	45	
	Admiral	1.620	1.620	51	
	Avizos	3.000	3.000	32	
	Lepa	1.750	1.750	26	
	Vidiquira	430	430	11	
	Villa de Trás	200	200	5	
		44.460	44.460	419	109355,7

Boja.









17  
Nestes districtos os principaes focos de  
produção são em Beja os Concelhos de  
Castro Verde d'onde se exportam 10.000,  
assim como em Évora, os concelhos  
d'Ourique e Mertola onde a exportação  
é de 3.000 cabeças em cada anno.

Em Évora são os Concelhos de Évora e  
de Portel exportam ambos 16.000 ca-  
beças. Em Portalegre a maior pro-  
dução é no concelho d'Arronches ou-  
de se eleva a 6.000 cabeças; em  
Alentejo forte 2.000 como em Beira.

Notando bem estas localidades mais  
productoras vê-se que todas ellas  
estão situadas na metade mais ori-  
ental do Alentejo e é effectivamente  
n'essa região que os montados são  
mais abundantes. Affim temos  
dado uma relação muito facha  
e incompleta da parte d'este ca-  
pitulo relativa á extensão dos mon-  
tados.

§ 3º. Distribuição. - Passando á distribui-  
ção das qualidades do arvoredo nas  
differentes regiões muito pouco temos

a dizer porque são ainda muito incompletos os dados que se nos offercem para marcar um limite definido da região dos montados de sobre, de aguiho e de carvalho.

Contudo valendo-me dos poucos apontamentos que arranjei com teusas de confeccionar o mappa de culturas que a cima me referi, dirai apenas que de toda a região dos montados aquella que se achas mais para o nascente e que se estende desde Castello Branco até Castro Marim no Algarve, prolongando-se para o interior até Évora, Monte Mor e Aljustrel, é onde se encontra o aguiho que dominando para o sul' esta facha vai depois recuando para o norte, e misturando-se ora com o sobre ora com o carvalho.

Toda a outra zona da região dos montados que fica limitada pelo oceano, e que forma a facha sul' oeste de Portugal é exclusivamente povoada de sobreiros, estende-se por toda a margem esquerda do Tejo, oceano até fudar no Concelho de Stouciegue.

As zonas dos montados de carvalho me

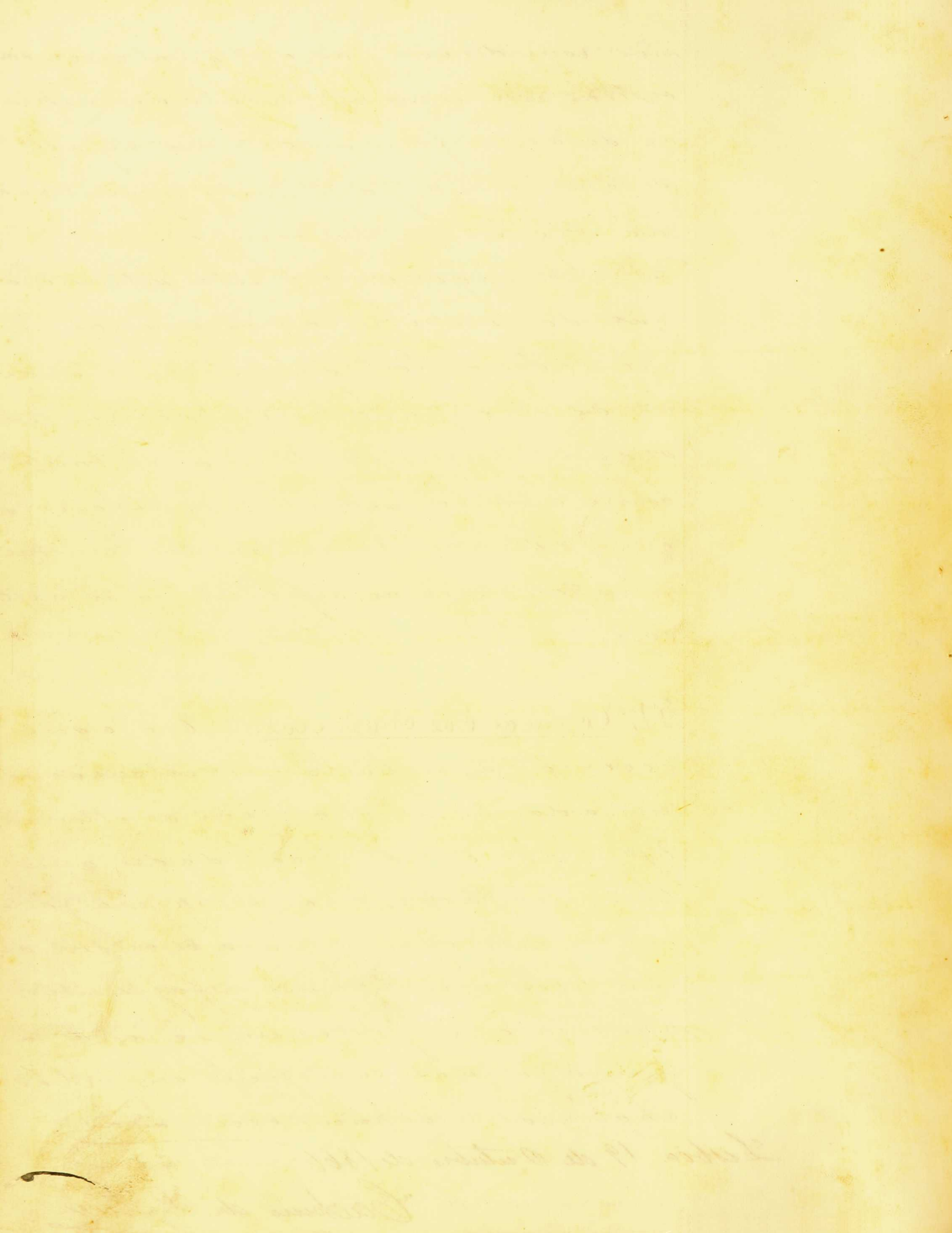
nos consideravel de que qualquer das  
outras esta como que entalada entre  
as duas, e formando uma especie  
de cunha na parte mais septentrional  
da região que nos occupas.

Muito vagas como é esta determina-  
ção da distribuição do arvoredo nos  
montados de Portugal, só com o auxi-  
lio do mappa colorido poderia ter  
algum merecimento, não obstante  
como o meu intuito é satisfazer o  
que podemos, temo de nos limitar  
muitas vezes ao difficil como neste  
caso.

3.<sup>o</sup> Extensão das charnecas. - Era aqui  
o occasião de se fallar na extensão oc-  
cupada pelas charnecas do estem-  
to e das outras localidades que  
tem montados; mas a mesma falta  
que se nos offerce para beoutros as-  
sumptos muito mais se faz sentir  
n'este cujas importancia iguala a  
grandeza das superficies que pelas  
charnecas se acham occupadas.

Lisboa 19 de Outubro de 1866

Caetano da Silva



# Proposições

Ed. Vieira

- 1ª -

## Agricultura

Segundo a sciencia moderna, a maxima que se dizia, que em uma cultura aperfeicoada se tomava indispensavel a creação de prados naturais ou artificiaes é falsa.

- 2ª -

## Chimica

As plantas tem uma accão electiva sobre os principios nutritivos mineraes; e quando a terra não está completamente saturada d'esses principios no estado de serem aproveitados, é quasi exclusivamente das camadas que contactam immediatamente com as raizes, que as plantas tiram o seu alimento mineral.

3a

## Higiene e Soterchnia

A especie e a raça são fixas

4

## Economia.

O credito agricola e o credito predial são per-  
feitamente distinctos. Para utilidade de um  
Paiz os estabelecimentos de credito agricola  
hão-de necessariamente ser muitos e muito  
espalhados, enquanto que os de credito predial  
podem existir si'num só ponto.

5

## Ingenharia agricola

O ensino da topographia como actualmente  
está organizado no Instituto agricola, e  
attendendo ás attribuições que as nossas  
leis conferem aos agronomos, é defectuoso  
e prejudicial a outras disciplinas mais  
importantes.





